

Bloco 5

Paralelismo como uma estratégia “analógica” do processamento cognitivo humano.

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

A. Paralelismo 1

Durante o processo de aprendizagem, seja de que conteúdo for, somos levados a mobilizar nossa atenção, a focalizarmos melhor e mais precisamente o objeto de aprendizagem e delinear-mos melhor seus contornos. Nossa mente, em contrapartida a esse esforço de apreensão, inicia uma busca de situações similares, sons similares e elementos similares para estabelecer uma comparação que propicie a aprendizagem mais efetiva. É o processo analógico se manifestando na mente como um gatilho de aprendizagem.

Entre os mecanismos linguísticos, identificam-se elementos constitutivos da gramática, os quais foram plasmados num contexto de analogia em vários níveis de complexidade. Por exemplo, as classes de palavras são mecanismos de organização linguística as quais se baseiam no processamento cognitivo da analogia. Buscamos características e propriedades similares para agregarmos mais e mais palavras ao mesmo conjunto, da mesma forma que, na aquisição de linguagens no contexto escolar, a professora nos coloca em contato com formas diferentes (quadrados, círculos, retângulos, triângulos etc.) para, primeiramente, agruparmos como iguais e, depois, para aprendermos seus nomes e propriedades. O mesmo ocorre com qualquer outro conteúdo de aprendizagem, como as cores, os números, os tamanhos, etc. Ao longo da vida, passaremos a empregar esse mesmo mecanismo para aprender a sobreviver a situações diversas. Assim é que uma pessoa pode passar a gostar de um alimento, tal como abacate, por ter associado a ele um contexto pragmático de emoção familiar positiva, como o momento em que a mãe prepara uma vitamina em casa. Embora pareça que gramática e sintaxe possam estar totalmente fora dessas situações emotivas, devo alertar que criamos formas de cifrar sintaxe com base nas intenções que temos em situações específicas e gerais. Transporei essa ideia para uma reflexão que quero conduzir sobre os elementos coordenativos, em especial a conjunção “e”, cuja base elementar de sua semântica nos faz deduzir que há ali uma adição, tal como o sinal de “+”. Comi feijão e arroz (feijão + arroz).

Há algumas exigências, no entanto, para que o elemento “e” possa estar presente, quais sejam: similaridade de traços semânticos e similaridade de organização sintática. No exemplo anterior, feijão e arroz são grãos comestíveis (traços semânticos) e mantêm algumas similaridades gramaticais: identidade categorial (ambos são substantivos), ausência de determinantes (ambos são não-delineados).

A esse fenômeno de exigência construcional (semântico-sintática) rotulamos de paralelismo gramatical. Dentro do paralelismo gramatical, ainda podemos tratar de alguns efeitos específicos na semântica (paralelismo semântico), tal como demonstramos anteriormente. Ao que parece, a mente busca replicar padrões construcionais antes e depois do elemento conector, como resposta analógica e econômica de energia mental. Com o passar do tempo, vamos tornando a cifração sintática mais econômica, no entanto mais complexa para quem está iniciando seu processo de consciência linguística. Usamos automaticamente (falantes comuns), mas ganhamos mais e mais consciência sobre essas respostas analógicas à medida que vamos refletindo sobre a língua e as linguagens (linguistas, escritores, jornalistas, professores etc.).

B. Paralelismo 2

Em seu livro “Comunicação em prosa moderna” (Vide MOODLE), Othon Moacyr Garcia discute esses casos, oferecendo exemplos que nos fazem pensar em contextos diversos de aplicação. Indico, por isso mesmo, a busca do termo paralelismo no livro em sua versão digital. Será importante reconhecer que todos esses mecanismos de repetição de estratégias linguísticas (paralelismos) são, antes, respostas da mente a contextos que detêm alguns traços de similaridade, mapeados pela mente.

Apresento aqui um exemplo inspirado no que Garcia ilustra:

(1) Fiz duas cirurgias: uma no ouvido e outra no Rio de Janeiro.

Nele, temos duas porções textuais segmentadas pelo conector “e”. A primeira refere-se a um órgão do corpo humano e a segunda, a uma cidade brasileira. O que há em comum entre eles é o fato de ambos serem locativos, no entanto não há uma paridade semântica estrita. Os dois deveriam ser lugares geográficos ou partes do corpo humano. Assim, poderíamos ter:

(1a) Fiz duas cirurgias: uma no ouvido e outra no olho.

(1b) Fiz duas cirurgias: uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro.

Como podemos notar, o paralelismo é uma força que exige uma similaridade de construção semântico-sintática.

Na análise sintática dos períodos compostos, vimos que o conector “e” pode ser empregado sob uma das seguintes formas:

(2) Maria e Pedro saíram muito cedo hoje.

(3) Estivemos muito ocupados com as obrigações profissionais e com as questões pessoais.

Em (2) e (3), vemos o conector “e” funcionando como uma preposição que conecta dois termos similares quanto à classe gramatical e ao campo semântico. Em (2), dois substantivos em função de sujeito prototípico ligam-se. Em (3), duas construções completivas nominais ligam-se na sequência. Ambas são encabeçadas pela preposição *com* seguida do núcleo do complemento nominal e de um modificador (adjunto adnominal).

(4) Fui à padaria e Pedro foi ao mercado.

Aqui, temos duas orações sequenciadas, no entanto ambas ocorrem em simultâneo na linha temporal. O conector “e” marca a independência dos fatos ocorridos, mas deixa claro que estão emparelhadas em termos de paralelismo gramatical: ambas incluem o verbo de movimento seguido de um locativo. Temos aqui um encadeamento de orações coordenadas: a primeira é coordenada assindética (sem síndeto, sem conector) e a segunda é coordenada sindética aditiva (encabeçada por uma conjunção).

(5) Bateram à porta e fui ver quem era.

Neste exemplo, temos um conector “e” ligando duas ações que estão também integradas pela relação de causa-efeito. Só porque bateram à porta, o sujeito da segunda oração foi verificar quem poderia ser. Não são ações simultâneas, mas, sim, consequentes. Logo, embora seja um elemento com aparência de conjunção coordenativa aditiva, na verdade, estamos frente a um tipo de oração coordenada que estabelece a relação causa-consequência. Esse tipo oracional não está normatizado, mas é natural que surgisse com sua evolução. Tudo o que está coordenado pode ser efeito de ações simultâneas (aditivas) ou de algumas ações sequenciadas (consecutivas).

(6) Quando cheguei e abri a porta, assustei-me.

Temos em (6) três orações marcadas pela presença de três predicadores (cheguei, abri e assustei). As duas primeiras codificam expressões de tempo (quando cheguei e quando abri a porta), no entanto a conjunção de tempo só se expressa na primeira oração. Ambas marcam o tempo necessário das ações que desencadearam a terceira (assustei-me). Do ponto de vista da tradição, analisamos assim: a oração 1 (quando cheguei) é oração subordinada adverbial de tempo; a oração 2 (abri a porta) é oração subordinada adverbial temporal em relação à oração anterior, logo é coordenada à anterior; e a oração 3 (assustei-me) é oração principal das duas temporais. O papel do conector “e” nessa construção é marcar a coordenação entre as duas temporais, que poderia ser lida tanto como sequencial quanto como consequencial. Talvez seja esse tipo de construção a chave para entender o uso expresso no exemplo 5.

C. Paralelismo 3

Todos os exemplos apresentados requerem que o paralelismo se manifeste. Volte a cada caso e identifique o que é comum entre os dois itens que se ligam pelo conector “e”.

B. Pressupostos e princípios cognitivos

Em estudos realizados no final do século XX, Camacho e Pezatti (1998) discutiram as propriedades que permitem integrar sintático e semanticamente as orações coordenadas (leia o texto no moodle). A partir da leitura do texto, podemos depreender 3 pressupostos básicos.

Pressuposto 1: Há módulos constitutivos da linguagem (discursivo, gramatical e semântico, tendo como componente primeiro o léxico). Eles estão neste momento dialogando com a proposta multissistêmica de Ataliba T. de Castilho (1997). Decidem, então, retomar as propriedades desses módulos em 4 itens:

1. Os módulos são verbais
2. Esses módulos são administrados por processos cognitivos pré-verbais
3. A organização desses módulos é não-unilinear
4. Esses módulos são orientados pelos princípios da ativação, desativação e reativação.

- Como seria a ativação desses princípios nos módulos?

No discurso → ocorreria a constituição do texto, de suas unidades e formas de conexidade.

Na semântica → ocorreria a constituição dos sentidos lexicais, dos significados composicionais e das significações contextuais.

Na gramática → ocorreria a constituição das sentenças e de suas representações sintática, morfológica e fonológica

Reflexão necessária:

Pensem nessas hipóteses da ativação sistêmica e como elas se manifestariam em termos dos usos do conector “e”, sobre o qual falávamos há pouco.

- Como seria a reativação desses princípios nos módulos?

Cada uma das atividades referidas na ativação seria realizadas como um processo cognitivo.

- Como seria a desativação desses princípios nos módulos?

Cada uma das atividades referidas poderia ser interrompida em uso, o que propiciaria a elisão de funções, termos ou traços previamente ativados.

Pressuposto 2: A coordenação é um processo que atua entre termos (dois estados-de-coisa com um único predicado), intratermos (dois termos são coordenados numa única função semântica e sintática, num único estado-de-coisas) e entre orações (duas orações são ligadas).

Pressuposto 3: A coordenação obedece à condição universal, denominada Condição do Constituinte Condensado (CCC), defendida por Schachter (1977). Vejamos como isso funciona:

- a) Coordenadas devem ser correlatas sintática e semanticamente; e
- b) Os termos coordenados são intercambiáveis livremente (ordem potencial)